

CORREIO NO MUNDO

Daniel Torok/ Casa Branca



Trump viu sua rejeição aumentar consideravelmente

Rejeição a Trump bate 62% em meio à guerra e crise com papa

A rejeição ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, chegou a 62% em meio à guerra contra o Irã e a uma crise pública com o Vaticano.

A aprovação de Trump caiu para 36%, o menor nível desde a posse, em janeiro de 2025. A pesquisa da Reuters/Ipsos divulgada na terça-feira (21) aponta queda de 11 pontos percentuais desde o início do mandato.

A desaprovação do presidente saltou para 62%. Quando assumiu o governo, a rejeição era de 41%.

A maioria dos norte-americanos questiona o equilíbrio mental do presidente de 79 anos. Apenas 26% dos entrevistados consideram Trump equilibrado, número que reflete preocupações após explosões públicas de raiva.

Guerra do Irã impacta os eleitores

Os próprios republicanos estão divididos sobre o temperamento do líder. Entre os apoiadores do partido, 53% o veem como equilibrado, enquanto 46% discordam. Entre os democratas, a taxa é de apenas 7%.

A guerra iniciada em fevereiro contra o Irã pressionou os preços da gasolina e o custo de vida. O conflito, conduzido em parceria com Israel, reduziu a aprovação de Trump na economia para 26%.

Noah Wulf via Wikimedia Commons



Americanos não creem no que Trump diz sobre o Irã

Eleitores não acreditam em Trump

Poucos eleitores apoiam os ataques militares norte-americanos. Apenas 36% aprovam a ofensiva contra o país do Oriente Médio, e somente 26% consideram que a ação militar valeu a pena. A sensação de segurança não aumentou com o conflito. Só 25% dos entrevistados acreditam que os ataques deixaram os Estados Unidos mais seguros, incluindo 57% dos republicanos e 6% dos democratas. A ameaça de saída da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) tem forte rejeição. O levantamento mostra que apenas 16% dos americanos apoiam a ideia de abandonar a aliança militar.

Briga pública com o Papa Leão 14

A briga pública com o papa Leão 14 ampliou o desgaste da imagem de Trump. O pontífice criticou a guerra, e o presidente o chamou de "fraco no crime" e ruim em política externa. O Papa Leão 14 encerrou a discussão ao recusar o debate. O líder da Igreja Católica afirmou que não tinha interesse em debater com o presidente norte-americano após as ofensas.

Papa em alta

Enquanto a popularidade de Donald Trump despenca, a de seu desafeto católico aumenta nos Estados Unidos. A popularidade do pontífice supera de longe a do presidente nos Estados Unidos. Cerca de 60% dos entrevistados têm uma visão favorável do Papa, contra apenas 36% que dizem o mesmo de Trump.

Milei em baixa

Segundo uma pesquisa da AtlasIntel divulgada no mês passado com margem de erro de um ponto percentual, 57,4% dos argentinos desaprovam o governo de Javier Milei, contra apenas 30,3% que o consideram bom ou excelente. Um ano antes, os números eram de 45% e 44%, respectivamente.

Escândalos

O último mês teve escândalos que respingaram em Milei. Um deles traz arquivos encontrados no celular de um empresário que sugerem um envolvimento maior de Milei no escândalo de promoção do criptoativo \$Libra. O segundo é uma investigação sobre o suposto enriquecimento ilícito do chefe de gabinete, Manuel Adorni.

Líbano

A presidência do Líbano afirmou que o país participa ativamente de negociações para prorrogar o prazo do cessar-fogo em curso na região, com quatro condições. Segundo Joseph Aoun, o Líbano vai pedir o fim dos ataques de Israel, a retirada de tropas do território libanês, a repatriação de prisioneiros e o destacamento do seu próprio exército no território.

Reunião

Uma reunião entre Líbano e Estados Unidos está agendada para hoje no Departamento de Estado dos EUA, segundo Aoun. Ele disse que a embaixadora do Líbano em Washington vai até a reunião, mas não informou se Israel também vai participar das negociações. Presidente afirmou que a fase atual é "delicada".

Mais um mês

Também disse que trabalha para que os deslocados voltem para suas casas. Segundo o Ministério de Assuntos Sociais libanês, mais de um milhão de pessoas precisaram deixar as próprias casas desde o começo da guerra. País vai pedir que o cessar-fogo seja estendido por mais um mês, segundo a agência de notícias AFP.

Milei promete reforma eleitoral na Argentina

Reforma elimina as primárias e institui ficha limpa no país

Ministério das Relações Exteriores da Argentina

Por Daniela Arcanjo (Folhapress)

Menos de duas semanas após conseguir reformar, sob protestos de ambientalistas, a Lei das Geleiras, Javier Milei volta-se à política. O presidente da Argentina afirmou na terça (21) que vai enviar uma reforma eleitoral ao Congresso. O anúncio foi feito à sua maneira: no X e em letras garrafais. "AMANHÃ ENVIAREMOS A REFORMA ELEITORAL AO CONGRESSO", escreveu o ultraliberal no final da tarde, enquanto se preparava para voltar de sua terceira visita a Israel desde que chegou ao poder, no final de 2023.

Segundo ele, a proposta vai eliminar as Paso, como são chamadas as eleições primárias no país ("chega de obrigar os argentinos a pagar pelas eleições internas da elite"); mudar o financiamento das campanhas ("acabou a política que vive do seu dinheiro") e instituir uma regra correspondente à Ficha Limpa do Brasil "funcionários corruptos FORA para sempre".

O comunicado pode parecer repentino, mas vem sendo negociado no Congresso há semanas. Ao longo desse período, o governo cogitou deixar a parte do financiamento de partidos políticos para um segundo momento e tornar as Paso (acrônimo de "Primárias, Abertas, Simultâneas e Obrigatórias") optativas para atender parte da base de apoio do partido de Milei, A Liberdade Avança.

Ao que parece, nenhuma das duas ideias se manteve no projeto final a ser mandado para o Congresso. Desde o final de 2025, dois meses após as eleições legislativas de meio de mandato da Argentina, a sigla do ultraliberal tem quase 40% das cadeiras da Câmara (mais do que o dobro do número de deputados na Legislatura anterior) e 21 dos 72 senadores (o triplo da quantidade de políticos da legenda na Casa até então).

Tal configuração tem sido essencial para Milei passar iniciativas caras ao seu projeto político, como a reforma trabalhista que



Presidente da Argentina quer reformar o sistema eleitoral

permite jornadas de até 12 horas e um novo regime criminal que reduz a maioria penal de 16 para 14 anos.

No entanto, eliminar as Paso, criadas durante o primeiro mandato de Cristina Kirchner e implementadas pela primeira vez em 2011, tem se mostrado uma tarefa mais difícil. O ultraliberal já havia tentado fazê-lo no ano passado, mas a falta de apoio no Congresso o impediu, obrigando o governo a optar por uma suspensão temporária.

A resistência se justifica pelas disputas internas dos partidos para escolher um candidato -justamente o problema que o mecanismo tenta resolver- e por medo de o governo tentar com isso neutralizar a oposição, que pode acabar apresentando vários candidatos à Presidência, dividindo os votos, enquanto a escolha de A Liberdade Avança é óbvia com Milei.

A contrapartida do governo para incluir a proposta foi a incorporação da Ficha Limpa, um projeto que o partido Proposta Republicana, fundado pelo ex-presidente Mauricio Macri, tenta engatar há anos -a ideia, inspirada na lei brasileira, proíbe que condenados em segunda instância por corrupção sejam candidatos.

Mais uma vitória viria em um momento conveniente para Milei. A despeito da queda no nível da pobreza e da razoável estabilidade da economia, o presidente vê a sua popularidade cair mês a mês.